



# EFICIÊNCIA

## Busca constante marca nossa pecuária

*Em ano de Operação Carne Fraca, embargos internacionais, desconfiança do mercado consumidor e JBS, resistir e continuar produzindo foi a tática adotada pela pecuária brasileira para sair fortalecida em meio a tantas crises.*

Assim como uma frágil embarcação, que navega por mares revoltos e é impiedosamente açoitada por gigantes cascas e fortes ventos, da mesma forma navegou a pecuária de corte no Brasil em 2017. As águas turbulentas pelo qual o setor passou durante o ano começaram a se agitar em março, a partir da Operação Carne Fraca, que denunciou o envolvimento de fiscais do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) em supostos esquemas de liberação de licenças e fiscalização irregular de frigoríficos. O que se seguiu após essa primeira onda foi uma sucessão de acontecimentos que foram tão representativos quanto desastrosos para a atividade.

Entram nessa conta os bloqueios às exportações brasileiras de carne

no exterior e a queda do consumo no mercado interno por conta de um consumidor desconfiado em relação à qualidade sanitária da proteína. No entanto, nenhum vendaval chacoalhou de forma tão violenta essa embarcação quanto a delação sobre o pagamento de propinas feita ao Ministério Público e à Polícia Federal pelos maiores acionistas e controladores do grupo JBS, os irmãos Joesley e Wesley Batista.

Os abalos de mais esses escândalos ecoaram em toda a atividade justamente porque vieram do maior frigorífico e principal agente comprador de gado do país. Estima-se que apenas no mercado brasileiro, a JBS compre diariamente cerca de 35 mil bois de um contingente de pecuaristas calculados em 70 mil fornecedores. Uma agenda de pagamentos que custa aos caixas da companhia por dia a quantia de R\$ 88 milhões.



Para **Guilherme Malafaia**, pesquisador da Embrapa Gado de Corte, a principal dúvida que ficou para o pecuarista brasileiro a partir das delações envolvendo o maior grupo frigorífico do país era sobre a capacidade da empresa ter ou não fluxo de caixa suficiente para gerar suas dívidas de acordo com seus vencimentos. "Em certo momento, as vendas foram paralisadas, reduzindo o preço do boi gordo aos criadores. Os preços nos contratos futuros apresentaram em outubro recuo de quase 3%, refletindo as incertezas ainda presentes no mercado", explica o pesquisador.

Ele acredita que mesmo com a recuperação na produção ao longo do segundo semestre, ainda há incertezas quanto a profundidade da crise e o possível impacto dela nos abates de gado bovino no Brasil nos próximos meses. No entanto, reitera que entre os indicadores que sustentam a perspectiva positiva para o setor, estão a retomada do crescimento da economia e a queda da inflação, além da reposição de animais, farta oferta de insumos de nutrição e a previsão de aumento das exportações.

Com tudo isso o Brasil precisou mostrar sua força e o pecuarista, mais uma vez, provou sua eficiência. Assim, coube ao mercado se reestruturar, criando oportunidades para que outras gigantes do setor aumentassem ainda mais sua participação, caso dos frigoríficos Minerva e Marfrig.

### Medidas pontuais melhoram a perspectiva para 2018

Apesar de todos os percalços, 2017 foi um ano em que o vento soprou com força, mas não virou a embarcação. Na avaliação do Conselho Nacional da Pecuária de Corte (CNPC), o desempenho da atividade em 2017 foi bom e poderia ter sido até melhor. Isso porque, de acordo com a entidade, o Brasil vem avançando na pecuária com a ajuda de medidas pontuais tocadas pelo governo, que pela primeira vez lançou um plano para a retirada da vacinação contra a aftosa. O CNPC acredita que tal iniciativa dará maior credibilidade para a defesa sanitária animal brasileira e, com isso, possibilitará a abertura no exterior de um mercado de US\$ 1 bilhão em países que não aceitam carne de animais vacinados contra a doença.

"Também em pauta está a recusa interna do governo em receber carne



Sebastião Costa Guedes

com reações a vacinas, os chamados abscessos. Esses são aspectos positivos que melhoram a perspectiva para a pecuária de corte no próximo ano", explica Sebastião Costa Guedes, Vice-Presidente de Relações Internacionais e Coordenação da Cadeia Produtiva do CNPC. Ele lembra que para 2018 o governo prometeu mudar o calendário de vacinação, colocando a imunização do gado adulto em maio e deixando para o segundo semestre só os animais até dois anos. "Por conta disso e também por outros fatores, acredito até que em 2018 teremos um confinamento mais rentável, já que este ano foi muito ruim em função da elevação do preço do milho no final de 2016", completa.



### Confinamento cresceu 5,5% em 2017

De acordo com o levantamento da Associação Nacional da Pecuária Intensiva (Assocon), realizado em 1400 unidades de confinamento nos estados de São Paulo, Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Rondônia e Tocantins, o volume de animais confinados em 2017 atingiu 3,4 milhões de animais. Esse resultado representa crescimento de 5,5% em relação ao ano passado, quando a produção foi de 3,2 milhões de bovinos.



Foto: Agropão Online

**Arnaldo Manuel de Souza Machado Borges,**  
presidente da ABCZ

## "Agropecuária é a moeda forte do Brasil!"

Com algumas das principais raças produtoras de carne do Brasil, o Zebu tem na pessoa de Arnaldo Manuel Machado Borges, presidente da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), um grande entusiasta da pecuária nacional. Ele reconhece que 2017 foi um ano de intensos desafios e provações para o setor, mas prefere enfatizar a continuidade da produção e a manutenção de um país economicamente ativo, afinal de contas, segundo suas próprias palavras, "a agropecuária é a moeda forte do nosso país".

"Especificamente no que se refere à pecuária de corte, tivemos um ano marcado pela eficiência do setor. Fizemos lançamentos de projetos importantes que vão impactar, e muito, neste quesito da pecuária nos próximos anos, como o Carne de Zebu, que avalia o impacto dos touros POs para rebanhos comerciais e o trabalho de Seleção Genômica aplicada para as raças zebuínas", explica.

Ancorado na expectativa de especialistas, ele acredita que 2018 será um ano excelente para pecuária brasileira devido à projeção de recuperação econômica no país. Fundamenta esse otimismo na certeza de que o consumo de carne bovina no mercado interno está diretamente ligado ao poder de compra da população e completa: "Para o ano que vem também seguimos com boas expectativas nas exportações, amparados, inclusive, pela sinalização de países como a China, que já despontava como um dos maiores importadores da carne brasileira e que recentemente anunciou que vai ampliar o consumo", lembra.

As relações internacionais para o próximo ano também são o foco da ABCZ, que deve atuar diretamente na abertura de novos protocolos sanitários, podendo assim ampliar o mercado para produção de carne nacional. "Em 2017 internacionalizamos o nosso Programa de Melhoramento Genético de Zebuínos (PMGZ). Através do PMGZ Internacional estamos transferindo nossa tecnologia para outros países, como Bolívia e Nicarágua, que já assinaram contrato. Assim, estamos contribuindo para a pecuária mundial", finaliza o presidente da ABCZ.



## Exportações crescem 39,72% em outubro

Se num primeiro momento as ações da Polícia Federal (PF) na condução da Operação Carne Fraca ecoaram de maneira negativa para as exportações brasileiras de carne bovina, por outro lado 2017 chega ao fim mostrando a pronta recuperação do setor.

Em novembro, a Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec) informou que as exportações brasileiras de carne bovina registraram alta de 39,72% no volume embarcado em outubro (144.615 toneladas), na comparação com o embarque realizado no mesmo período do ano passado. O faturamento com as negociações realizadas no mês girou em torno de US\$ 605 milhões, o que representa um aumento de 38,11% em relação ao que foi faturado em outubro de 2016. Na comparação com setembro deste ano, as exportações tiveram alta de 6,74% em volume e 8,65% em faturamento.

Responsável pela compra de 35.766 toneladas de carne bovina, 67,22% a mais do que o negociado em outubro de 2016, Hong Kong continua sendo o principal destino da carne produzida pelo Brasil. No mês, as negociações com a região geraram um faturamento aproximado de US\$ 138 milhões, alta de 73,11% sobre o faturado no mesmo período do ano anterior. No ranking de principais importadores da carne bovina brasileira, Hong Kong é seguido pela China, que importou 20.615 toneladas e gerou faturamento de US\$ 92 milhões, e Egito, que comprou 19.156 toneladas e possibilitou o Brasil faturar perto de US\$ 66 milhões. A Rússia, que desde o dia 1º de dezembro suspendeu as importações de carnes do Brasil, alegando a presença do aditivo alimentar ractopamina em alguns lotes importados de proteína suína, importou em outubro 14,28 mil toneladas de carne bovina brasileira.

## Previsões otimistas

A expectativa da Abiec é que o Brasil exporte 1,5 milhão de toneladas de carne bovina por US\$ 6,2 bilhões até o fim de 2017. Se confirmada tal projeção, o desempenho será 9% maior em volume e 13% em receita do que o obtido em 2016.

Para 2018 a previsão é de crescimento de 9,8% em volume e 10,5% em receita. É esperado que Brasil fature US\$ 6,9 bilhões com a venda de 1,6 milhão de toneladas de carne bovina in natura ao exterior.

As projeções são sustentadas pelo possível aumento das exportações para a China, além da abertura e reabertura de mercados como Filipinas, Indonésia, Coreia do Sul e Tailândia.

No desempenho por categoria, a carne bovina in natura se manteve como categoria mais exportada no período, com o embarque de 119.076 toneladas, alta de 42,83% sobre o volume embarcado em outubro de 2016, o que gerou um faturamento de US\$ 503 milhões, 40,78% a mais do que o montante faturado no mesmo período do ano passado. O ranking de ca-

tegorias mais exportadas ainda aponta, em sequência, miúdos (13.295 toneladas embarcadas), industrializadas (8.522 toneladas), tripas (3.190 toneladas) e salgadas (532 toneladas).

Já em relação ao desempenho por estado, São Paulo aparece na primeira posição, com 33.474 toneladas embarcadas (alta de 17,90% sobre o mês anterior) e

faturamento de US\$ 154 milhões (21,50% a mais que o faturado em setembro de 2017). Os principais destinos da carne bovina originada no estado foram China, Hong Kong e União Europeia. A produção atual no Brasil de carne bovina gira em torno de 9,1 milhões de toneladas, onde aproximadamente 20% são negociadas para dezenas de países em todo o mundo.



### Um 3º trimestre dourado para os principais frigoríficos do país

Minerva, Marfrig e JBS detêm juntos 55% dos abates que são realizados no Brasil. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2016 os três maiores frigoríficos do país abateram 4,6 milhões de bovinos, num percentual médio equivalente a 15,4% do total nacional, que foi de 29,6 milhões de animais. Das 230 unidades frigoríficas que contam com o Serviço de Inspeção Federal (S.I.F.), 36 são da JBS, 16 do Marfrig e 11 do Minerva. Por conta do peso e da relevância desses números, considerar a saúde financeira trimestral destes três gigantes é avaliar por dentro a estabilidade do setor. E em se tratando de lucros, nunca um 3º trimestre foi tão promissor quanto o de 2017.

A Minerva Foods anunciou em novembro uma receita líquida de R\$ 3,4 bilhões no 3º trimestre de 2017 (3T17), alta de 34,9% sobre o 3T16, recorde histórico para um trimestre. No acumulado dos últimos

12 meses encerrados em setembro, a receita líquida da empresa atingiu R\$ 10,7 bilhões, 8,6% acima do mesmo período encerrado no 3T16. Nas exportações, as vendas no período responderam por 58,1%. No mercado interno elas cresceram 40,6% em relação ao 2T17.

Já o Marfrig Global Foods, companhia formada pelas divisões de negócios Beef e Keystone, informou por meio de nota que sua receita líquida total atingiu 4,8 bilhões de reais no 3º trimestre de 2017, alta de 11% em relação ao mesmo trimestre de 2016. O volume de abates no período chegou a 250 mil cabeças por mês. A Divisão Beef registrou uma receita líquida de R\$ 2,6 bilhões – crescimento de 22% em relação ao mesmo período de 2016.

No comparativo anual houve crescimento nas exportações e no mercado interno da "carne in natura": 98% de expansão nas exportações e crescimento de 5,5% no mercado interno. Entre o terceiro

trimestre de 2016 e o terceiro trimestre deste ano, a margem do Ebitda ajustado da divisão Beef passou de 7% para 9,5%. As informações constam do relatório fiscal apresentado pela empresa à Comissão de Valores Mobiliários (CVM).

A JBS informou que as operações com bovinos no Brasil tiveram baixa de quase 79% no Ebitda no terceiro trimestre de 2017, com a receita recuando 24%. A companhia diz que tem focado nos canais e cortes mais rentáveis, valorizando o mix de produtos, o que proporcionou um aumento de 11,7% no preço médio de venda da carne in natura. Para o mês de dezembro, em razão do aquecimento de demanda com as festas de fim de ano, a empresa calculava uma alta de 12% no faturamento da divisão de carnes no Brasil, ante dezembro de 2016. Para 2018 prevê alta de 22% em suas exportações de carne bovina in natura, ajudada, sobretudo, pelo crescimento de vendas em mercados como China, Egito e Chile.



&